

SOMBRAS IMAGINÁRIAS OU A TENTATIVA DE RESSIGNIFICAR A NOSTALGIA

SOBRE AS EXPOSIÇÕES RECENTES DE FELIPE MUJICA

OLIVIA ARDUI

Como aproximar um tempo irremediavelmente passado? Fácil perder-se no fascínio por sua textura *vintage* e contornos históricos que só o recuo de alguns anos pode delinear. Parece tentador, também, considerá-lo como um possível espelho para ler e apreender o presente e o futuro, quem sabe. Entre fantasias anacrônicas e uma busca por experiências e diálogos presenciais, o trabalho de Felipe Mujica oscila entre atualização e idealização, uma constante releitura do modernismo. Um trabalho-testemunho de sua inclinação pelas experimentações formais, o potencial crítico e político da abstração geométrica da Rússia dos anos 1920, assim como das vanguardas e movimentos sociais Latino Americanos dos anos 1960 e 1970. O artista se apropria não somente das referências visuais desse passado recente, como também incorpora seus métodos colaborativos no seu processo de trabalho.

A filiação voluntária do trabalho de Mujica com essas propostas experimentais transparece em duas exposições individuais realizadas em 2017. *Sombras imaginárias vienen por el camino imaginário*, realizada entre 20 de maio e 24 de junho na Casa Triângulo em São Paulo, e *Dedicated to the Bird we love*, entre 30 de julho e 9 de setembro na galeria von Bartha, S-chanf, na Suíça, reuniram um conjunto similar de obras. Ambas contemplaram um amplo leque de trabalhos do artista que – desde sua série das *Cortinas*, passando por suas serigrafias, até os seus livros de artista – trazem à tona essa constante hesitação entre ruptura e continuidade, entre passado e presente, entre individual e coletivo.

Uma das séries mais representativas dessa participação de terceiros em seu trabalho talvez seja o conjunto de *Cortinas*. Desde 2006, Mujica desenvolve painéis de tecido ornados com padrões geométricos que ora se repetem, ora se espelham, ora se contrapõem. O ponto de partida sempre serão seus desenhos, que realiza em grande número, como os esboços que desfilam, página por página, no vídeo *Caderno n°3 (Ecos)*. A partir dessas composições autorais, ele abre o campo de decisões para os indivíduos com quem colabora em um dado momento, sejam eles alunos de uma oficina, estilistas ou os próprios costureiros, ou ainda a cooperativa Bordadeiras do Jardim Conceição, em São Paulo, com quem Mujica produziu as peças dessas duas exposições.

Dessa sobreposição de muitas mãos e tomadas de decisões sobre as cores e materiais a serem utilizados, resultam painéis que remetem ao imaginário da pintura abstrata, mas que também estabelecem um diálogo com a arquitetura da sala expositiva. Raras vezes essas cortinas são dispostas contra a parede. Como no caso da Casa Triângulo e da Galeria Von Bartha, elas costumam investir o espaço com suas superfícies suspensas e flutuantes que movem-se lentamente com a brisa ou o próprio movimento de um visitante da mostra. Esses muros efêmeros, bandeiras pivotantes, arquiteturas participativas, geram assim uma nova percepção do espaço e das outras obras que o ocupam, direcionando uma espécie de coreografia do espectador em torno delas.

Diante dessas *Cortinas*, as paredes das galerias foram recobertas com um conjunto de serigrafias cujas imagens foram apropriadas de cartazes, desenhos, capas de livros e ilustrações provindos de contextos distintos, em sua maioria dos anos 1960 e 1970. Tais peças apresentam repetições e jogos de permutações que desafiam as proveniências e aplanam os

sentidos e ideologias que eles já carregaram – cartazes com reivindicações sócio-políticas, passando por imagens psicodélicas, publicidade e até desenhos de arte cinética. A impressão que permanece é a de estar diante de um caleidoscópio enigmático de signos familiares mas que, visualmente, parecem pertencer a um outro tempo.

A sensação de *déjà-vu* diante desse conjunto de serigrafias pode se estender ao trabalho de Mujica se considerado por extenso. Atravessado por reminiscências, repetições e ecos, o artista insiste em declinar e explorar os mesmos suportes e referências. Geralmente trabalha com séries que desenvolve a longo prazo, em diferentes contextos, com pequenas variantes devido às diferenças de fuso horário e latitudes. Cada exposição é em parte descoberta, em parte reencontro. De que maneira essas imagens datadas podem então se projetar no presente e no futuro para além de perpetuar fórmulas pré-estabelecidas ou ainda essa condição de nostalgia?

Mais uma vez, parece que é na experiência presencial, no contato com lugares e pessoas, que o trabalho de Mujica se atualiza. É o caso de *Linha de formigas*, série de esculturas efêmeras realizadas entre 2007 e 2015, e cujos registros foram compilados no livro que constitui o terceiro componente dessas exposições. Esses arranjos instáveis resultam do agenciamento de finas varetas de madeira amarradas entre si com fita isolante. O que muda são os participantes do jogo, a maneira como aplicam as regras ou a escolha de subvertê-las: mais uma vez o processo de realização desses trabalhos é colaborativo e aberto, resultando muitas vezes de oficinas em que os participantes confeccionam as peças ou elaboram instruções a serem seguidas pelo artista. As frágeis estruturas abstratas tornam-se um pretexto para gerar encontros em torno de uma ação coletiva, mesmo que ela persista apenas na forma de um registro. Se, mais uma vez, a dimensão afetiva dos métodos colaborativos herdados do modernismo aparece como alternativa à nostalgia no trabalho de Mujica, resta saber se ela também não resultaria de uma inclinação e admiração quase fetichista pelo espectro de um passado estetizado.